



**CIAS**  
Anthropology & Health

**cei** \_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

  
UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

  
**ces**  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2  9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

## **LIVRO DE RESUMOS**

# ***V CONFERÊNCIA BIENAL INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA DO AMBIENTE***

***Data: 30 e 31 de Janeiro 2025***

***Local: Auditório do 3º Piso, Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa  
Sessões Híbridas (presenciais e online)***

### **ÍNDICE**

***SOBRE A CONFERÊNCIA, página 2***

***PROGRAMA DA CONFERÊNCIA, páginas 3-8***

***PAINÉIS E RESUMOS DE COMUNICAÇÕES, páginas 9-25***

*Comissão Científica  
V Conferência Bienal Internacional de Antropologia do Ambiente  
Sociedade de Geografia de Lisboa  
30 e 31 de janeiro de 2025*



## **SOBRE A CONFERÊNCIA**

A Conferência Internacional de Antropologia do Ambiente é um evento bienal de referência no mundo lusófono, sendo apresentados trabalhos de investigação que representam tendências recentes no campo da antropologia do ambiente, da ecologia política e das humanidades ambientais. O objetivo da conferência é reunir antropólogos/as e outros/as investigadores/as interessados/as em questões ambientais numa atmosfera aberta de debate capaz de encorajar o desenvolvimento de perspetivas críticas, reflexivas, interdisciplinares e interseccionais.

A V Conferência Bienal Internacional de Antropologia do Ambiente decorrerá em formato híbrido (com sessões presenciais e *online*) a partir da Sociedade de Geografia de Lisboa, em Lisboa, nos dias 30 e 31 de janeiro de 2025. O evento conta com uma organização composta por quatro instituições:

- (1) Grupo de Investigação “Tecnociência, Sociedade e Ambiente”, CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra, Portugal
- (2) CEI – Centro de Estudos Internacionais, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, Portugal
- (3) ECOSOC – Oficina de Ecologia e Sociedade, CES – Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal
- (4) Secção de Antropologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, Portugal

### Comissão Científica (V Conferência)

André Saramago (FEUC e CIAS-UC, Portugal)  
Catarina Casanova (CIAS-UC, SGL e ISCSP-UL, Portugal)  
Gonçalo Jesus (CIAS-UC, SGL e Universidade Lusófona, Portugal)  
Gonçalo D. Santos (CIAS-UC, DCV-FCTUC, Sci-Tech Asia, Portugal)  
Joana Roque de Pinho (CEI-Iscte-IUL, Portugal)  
Jonas Van Vossle (CES-ECOSOC-UC, Portugal)  
Paulo Seixas (CIAS-UC e CAPP-ISCSP-UL, Portugal)  
Susana Costa (CIAS-UC, Portugal)

### Comissão Organizadora (V Conferência)

Catarina Casanova (CIAS-UC, SGL e ISCSP-UL, Portugal)  
Cláudia Umbelino (CIAS-UC e DCV-FCTUC, Portugal)  
Eliane Sebeika Rapchan (CES-ECOSOC-UC, Portugal; PGC-UM, Brasil)  
Gonçalo Jesus (CIAS-UC, SGL e Universidade Lusófona, Portugal)  
Gonçalo D. Santos (CIAS-UC, DCV-FCTUC, Sci-Tech Asia, Portugal)  
Joana Roque de Pinho (CEI-Iscte-IUL, Portugal)  
Joana Sousa (CES-ECOSOC-UC, Portugal)  
Susana Costa (CIAS-UC, Portugal)



## **PROGRAMA DA CONFERÊNCIA**

**Primeiro Dia - 30 de janeiro de 2025**

***Fuso Horário de Lisboa***

**09:30 – 10:00**      **RECEPCÃO**

**10:00 – 10:30**      **SESSÃO DE ABERTURA**

*Presidente da SGL – Prof. Doutor Luís Aires Barros*

*Presidente da Secção de Antropologia da SGL – Prof. Doutor António Piedade*

*Representante do CIAS-UC – Prof. Doutor Gonçalo D. Santos*

*Representante do CEI-Iscte-IUL – Prof<sup>a</sup> Doutora Joana Roque de Pinho*

*Representante do ECOSOC-CES-UC – Prof. Doutor Jonas Van Vossle*

**10:30 – 11:30**      **PAINEL: AMBIENTE E RELIGIÃO I**

**Coordenação do Pannel:** Joana Roque Pinho, Centro de Estudos Internacionais, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (CEI-Iscte-IUL), Portugal

**Moderadora:** Joana Sousa, Oficina de Ecologia e Sociedade, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra (ECOSOC-CES-UC), Portugal

**10:30 – 10:45** (comunicação *online*)

**Dona Angelina e as ervas: um processo na formação da cosmologia Potiguara**

Alicia Ferreira Gonçalves e Matheus Ramos Araújo de Sousa

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

**10:45 – 11:00** (comunicação *online*)

**Caçadores quilombolas e a panema: ecologias contracoloniais no Baixo Amazonas**

Matheus Pereira de Andrade, Universidade de Brasília, Brasil

**11:00 – 11:15** (comunicação *online*)

**Microcosmo e macrocosmo: a estética ecológica das pinturas de paisagem chinesas**

Ernst Loreto, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra (CIAS-UC), Portugal

**11:15 – 11:30**

**Debate Aberto**

**11:30 – 11:45**      **PAUSA PARA CAFÉ**

**11:45 – 12:45**      **PAINEL: AMBIENTE E RELIGIÃO II**

**Coordenação do Pannel:** Joana Roque Pinho, CEI-Iscte-IUL, Portugal



CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

**Moderadora:** Joana Sousa, Oficina de Ecologia e Sociedade, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra (ECOSOC-CES-UC), Portugal

*11:45 – 12:00 (comunicação online)*

**Influências das religiões na conservação de primatas não humanos em uma comunidade rural do Amazonas, Brasil**

Luciane Lopes de Souza, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil  
Catarina Casanova, ISCSP-UL, CIAS-UC, Portugal

*12:00 – 12:15 (comunicação presencial)*

**Aprender a ser árvore e iludir a morte: religião, tradição e ambiente no Sul de Moçambique**  
Clayton Guerreiro, Universidade Federal de São Paulo, Brasil

*12:15 – 12:30 (comunicação presencial)*

**Pastoralism and Pentecostalism: religious dimensions of changing land tenure/use dynamics in southern Kenya**

Joana Roque de Pinho, CEI-Iscte-IUL, Portugal  
Stanley ole Neboo, Talek, Quênia  
Richard ole Supeet, Loitokitok, Quênia  
Angela Kronenburg García, U. Catholique de Louvain, Bélgica

*12:30 – 12:45*

**Debate Aberto**

*12:45 – 14:15*      **ALMOÇO**

*14:15 – 15:30*      **PAINEL: CIÊNCIA ENGAJADA E CONFLITOS AMBIENTAIS I**

**Coordenação do Pannel:** Eliane Sebeika Rapchan, Gustavo García-López, Joana Sousa, ECOSOC-CES-UC, Coimbra, Portugal

**Moderador:** Jonas Van Vossole, ECOSOC-CES-UC, Coimbra, Portugal

*14:15 – 14:30 (comunicação presencial)*

**Mina de lítio em Cáceres: rumo a um desenvolvimento (in)sustentável?**

Olga Campos Pérez, Universidade de Coimbra, Portugal

*14:30 – 14:45 (comunicação online)*

**O “carbon-washing” da mobilidade sustentável: a experiência do Metro Mondego em Coimbra, Portugal**

Gustavo García-López, ECOSOC-CES-UC, Portugal  
Adelino Gonçalves, Centro de Estudos de Arquitetura - do Território ao Design, Universidade de Coimbra, Portugal  
Afonso Nuno Martins, Dep. de Engenharia Civil e Arquitetura, Univ. da Beira Interior, Portugal  
Miguel Dias, ClimAção Centro, Portugal

*14:45 – 15:00 (comunicação presencial)*

**Waterscapes of Condeixa: bridging heritage and environmental resilience**

Kapsali Kali, Universidade de Coimbra, Portugal



CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

**15:00 – 15:15** (comunicação *online*)

**Educação inclusiva: um olhar para dois espaços não formais da cidade de Manaus/AM**

Antônio Marcos Chaves de Aquino, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

Elisa Gomes de Lima, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

Hiléia Monteiro Maciel Cabral, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

**15:15 – 15:30**

**Debate Aberto**

**15:30 – 15:45** **PAUSA PARA CAFÉ**

**15:45 – 17:00** **PAINEL: CIÊNCIA ENGAJADA E CONFLITOS AMBIENTAIS II**

**Coordenação do Pannel:** Eliane Sebeika Rapchan, Gustavo García-López, Joana Sousa, ECOSOC-CES-UC

**Moderador:** Gonçalo D. Santos, CIAS-UC, Portugal

**15:45 – 16:00** (comunicação presencial)

**Sobre riscos e incertezas: antropologia, primatas e primatologia**

Eliane Sebeika Rapchan, ECOSOC-CES-UC, Portugal; Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maringá (UEM), Brasil

Fagner Carniel, UEM, Brasil

**16:00 – 16:15** (comunicação presencial)

**A comunidade multiespécie de Suruí: redefinição dos eus em terras precárias**

Sarika Strobbe, Università degli Studi di Torino, Itália

**16:15 – 16:30** (comunicação presencial)

**Mitos sobre o desastre e as redes de conhecimento camponesas nos contextos orizícolas no sul da Guiné-Bissau**

Joana Sousa, ECOSOC-CES-UC, Portugal

Ana Luísa Luz, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Ansumane Braima Dabó, Cabasane Biteraune, Guiné-Bissau

**16:30 – 16:45** (comunicação *online*)

**“Uma casa feita para cair”**

Rodrigo Quintella Messina, Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil

**16:45 – 17:00**

**Debate Aberto**



**Segundo Dia - 31 de janeiro de 2025**

***Fuso Horário de Lisboa***

**10:00 – 11:15** **PAINEL: DESASTRES AMBIENTAIS E CLIMÁTICOS I**

**Coordenação do Painel:** Gonçalo D. Santos e André Valécio, CIAS-UC, Portugal

**Moderador:** André Saramago, FEUC e CIAS-UC, Portugal

**10:00 – 10:15** (comunicação presencial)

**O enfrentamento das comunidades tradicionais do Nordeste Brasileiro aos impactos da cultura de desastres no Capitaloceno**

André Valécio, CIAS-UC, Portugal

**10:15 – 10:30** (comunicação *online* e presencial)

**Desastre ambiental e mineração do ouro na Amazônia Equatoriana: ecofeminismo e as lutas das mulheres indígenas face ao extrativismo capitalista**

Mishel Almeida Saá, Universidade de Coimbra, Portugal

Gonçalo D. Santos, CIAS-UC, Portugal

**10:30 – 10:45** (comunicação presencial)

**Extrativismo e resistências, imaginários e memória: estudo de caso de um desastre anunciado**

Lúis Vale, CIAS-UC, Portugal

Daniel Vale, CEAU-FAUP, Universidade do Porto, Portugal

Ricardo Vale, CEGOT-FLUP, Universidade do Porto, Portugal

**10:45 – 11:00** (comunicação presencial)

**Incêndios florestais como reflexo das transformações no mundo rural**

Maria Justino, ISCSP-UL, Portugal

Raquel Cunha, ISCSP-UL, Portugal

**11:00 – 11:15**

**Debate Aberto**

**11:15 – 11:30** **PAUSA PARA CAFÉ**

**11:30 – 12:30** **PAINEL: DESASTRES AMBIENTAIS E CLIMÁTICOS II**

**Coordenação do Painel:** Gonçalo D. Santos e André Valécio, CIAS-UC, Portugal

**Moderador:** André Saramago, FEUC e CIAS-UC, Portugal

**11:30 – 11:45** (comunicação *online*)

**Zero Waste no Capitaloceno: potenciais e limites de um movimento contra a lógica extrativista**

Livia Humaire Kampff, CIAS-UC, Portugal



CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

**11:45 – 12:00** (comunicação *online*)

**Poéticas dos vínculos e a potência reflexiva nas Amazônias**

Silvia Marques, Universidade Federal do Amapá, Brasil

**12:00 – 12:15** (comunicação *online*)

**Entre sujeitos, documentos e possibilidades discursivas: a construção da categoria das mudanças climáticas a partir do discurso mobilizado pelas Nações Unidas do Brasil e a Clima Info**

Juliana Maria Teixeira da Conceição, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil

Felipe Vargas, PGDR-UFRGS, UFBA, Brasil

**12:15 – 12:30**

**Debate Aberto**

**12:30 – 14:00** **ALMOÇO**

**14:00 – 14:45** **PAINEL: AMBIENTE E SAÚDE PÚBLICA**

**Coordenação do Painel:** Gonçalo Jesus, Universidade Lusófona e CIAS-UC, Portugal

**Moderadora:** Catarina Casanova, ISCSP-UL e CIAS-UC, Portugal

**14:00 – 14:15** (comunicação *online*)

**Da sala de aula à comunidade: o papel da educação ambiental no desenvolvimento sustentável do Amazonas**

Silvia Regina Sampaio Freitas, Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Brasil

Luciane Lopes de Souza, UEA, Brasil

**14:15 – 14:30** (comunicação presencial)

**Comprender os gatos errantes: implicações para a biodiversidade, saúde e comunidades humanas em Portugal**

Beatriz Fonseca, Instituto Superior de Agronomia, Portugal

Ana Sofia Rois, Universidade Lusófona, Portugal

Gonçalo Jesus, Universidade Lusófona e CIAS-UC, Portugal

Iris Dias, Universidade Lusófona, Portugal

Matilde Tavares, Universidade Lusófona, Portugal

Susana Dias, Instituto Superior de Agronomia, Portugal

**14:30 – 14:45**

**Debate Aberto**

**14:45 – 15:00** **PAUSA PARA CAFÉ**

**15:00 – 16:30** **PAINEL: RELAÇÕES INTERNACIONAIS E AMBIENTE**

**Coordenação do Painel:** André Saramago, FEUC e CIAS-UC, Portugal



**CIAS**  
Anthropology & Health

**cei** \_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

  
UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

  
**ces**  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2  9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

**Moderador:** André Valécio, CIAS-UC, Portugal

**15:00 – 15:15** (comunicação presencial)

**A transformação da segurança para a política planetária**

Joana Castro Pereira, FLUP, Universidade de Porto, Portugal

Inês Ferreira de Sousa, FLUP, Universidade de Porto, Portugal

**15:15 – 15:30** (comunicação presencial)

**Justiça num mundo (mais do que) humano? Agência e representação política de seres não-humanos em territórios fluviais**

Carlota Houart, Wageningen University & Research, Países Baixos

**15:30 – 15:45** (comunicação *online*)

**Sense of justice and injustice in non-human animals: examples from primatology**

Catarina Casanova, ISCSP-UL e CIAS-UC, Portugal

**15:45 – 16:00** (comunicação presencial)

**Teorizando o Antropoceno: Nikolai Bukharin e a ontologia relacional entre natureza, sociedade e tecnologia**

André Saramago, FEUC e CIAS-UC, Portugal

**16:00 – 16:15**

**Debate Aberto**

**16:15 – 16:30**      **FECHO DOS TRABALHOS**





## **PAINÉIS E RESUMOS DE COMUNICAÇÕES**

### **Painel: Ambiente e Religião I e II**

A relação entre religião/espiritualidade e alterações ambientais permanece uma área pouco estudada do ponto de vista dos estudos sobre o ambiente – apesar das recentes chamadas de atenção para essa lacuna, e dos apelos à ação ambientalista por parte de líderes de instituições religiosas globais em confronto com a crescente crise ecológica global (e.g., Encíclica Laudato Si' do Papa Francisco; The Islamic Declaration on Global Climate Change). Neste painel, propomos refletir sobre a forma como as religiões influenciam a relação entre humanos, não-humanos e ambiente. Convidamos estudos de caso que explorem diversos cruzamentos entre religião e alterações ambientais, tais como, entre outros assuntos possíveis, as dimensões religiosas/espirituais de movimentos ambientalistas, as consequências materiais para o ambiente de processos de transformação religiosa, e potenciais influências ambientais em processos locais de alteração religiosa.

#### **Dona Angelina e as ervas: um processo na formação da cosmologia Potiguara**

Alicia Ferreira Gonçalves e Matheus Ramos Araújo de Sousa  
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Resumo: A cosmovisão do povo indígena Potiguara, situado no Litoral Norte do Estado da Paraíba-Brasil, é construída a partir de um contato inter-religioso com diferentes perspectivas de mundo, como a igreja evangélica e católica, como os terreiros de Jurema, Candomblé, Umbanda, com os espíritos da floresta, mãe d'água, Comadre Fulozinha, e principalmente os saberes ancestrais, como o mexer das ervas para realizar a cura. Portanto, essa cosmologia surge de um movimento inter-religioso, a partir do processo da colonização e da sua resistência, em defesa da natureza e da cultura, como também o processo de retomada, e as ligações históricas entre a população negra e os povos indígenas, produzidas pelas influências das religiões afro-brasileira, transformando e ressignificando ao mesmo tempo o ser Potiguara tendo como base a mãe natureza, o Deus Tupã e os encantados. Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é compreender como a cosmologia Potiguara dialoga com as outras religiões em defesa da natureza, partindo da biografia de Dona Angelina, indígena Potiguara. Nesse sentido, como metodologia usaremos a etnografia, observação participante, recursos visuais e entrevista. Por fim, dona Angelina traz consigo saberes que não foram abandonados pela conversão evangélica, mas que sofreram transformações significativas.

Palavras-chave: Cosmologia Potiguara; Dona Angelina; Natureza sagrada  
E-mail do/a autor/a correspondente: [aliciafg1@gmail.com](mailto:aliciafg1@gmail.com)

#### **Caçadores quilombolas e a panema: ecologias contracoloniais no Baixo Amazonas**

Matheus Pereira de Andrade, Universidade de Brasília, Brasil

Resumo: Neste resumo pretendo estabelecer um diálogo entre as narrativas apresentadas nas entrevistas com os caçadores em Cachoeira Porteira e uma literatura que tem refletido sobre as comunidades negras na Amazônia. Para isso, busco compreender a panema como um fenômeno da técnica, que se imbrica numa ecologia quilombola, influenciada pelo conhecimento indígena. A panema, tradicionalmente conhecida como uma força incapacitante, adquire novos sentidos no contexto quilombola. Convém, portanto, analisar como as narrativas da panema dialogam com uma



ecologia afro-indígena de "fazer-mundo" e se constituem como parte de um processo de "crioulização ambiental". Nesse sentido, a panema emerge como uma cosmopolítica, cuja compreensão pode ser aprofundada por meio dos processos técnicos. Esses processos técnicos não se limitam a ferramentas ou práticas materiais, mas englobam um conjunto de conhecimentos, habilidades e relações que configuram modos de habitar e interagir com o ambiente. A panema, nesse contexto, não é apenas uma experiência de "azar" ou "ineficácia", mas reflete um campo complexo de significados, que conecta dimensões simbólicas, sociais e ecológicas. Ao abordar a panema sob essa ótica, é possível revelar como as comunidades quilombolas em Cachoeira Porteira não apenas se adaptam, mas também reconfiguram seu ambiente por meio de práticas que integram saberes ancestrais e experiências cotidianas. Assim, a panema torna-se uma chave para compreender a relação entre técnica, ecologia e cosmopolítica na Amazônia, oferecendo uma perspectiva que ultrapassa visões eurocêntricas sobre a relação entre humanos e natureza.

Palavras-chave: Panema; Ecologia; Quilombo

E-mail do/a autor/a correspondente: [andraddem@gmail.com](mailto:andraddem@gmail.com)

### **Microcosmo e macrocosmo: a estética ecológica das pinturas de paisagem chinesas**

Ernst Loreto, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra (CIAS-UC), Portugal

Resumo: A presente comunicação baseia-se numa investigação ainda em curso, cujo objetivo é mostrar como as pinturas de paisagem chinesas (山水画; pinyin: *shānshuǐ huà*) refletem uma forma particular de relacionar-se com a natureza, marcada pelas analogias entre microcosmo e macrocosmo. Esta é uma pesquisa interdisciplinar, que combina métodos da antropologia da natureza, antropologia da paisagem e estudos chineses. Será adotada uma abordagem seletiva da história das pinturas de paisagem chinesas, da Dinastia Tang (618-907) até os dias atuais, com o intuito de evidenciar continuidades nos processos de figuração da paisagem. Partindo do último trabalho de Philippe Descola sobre a figuração, a pesquisa irá determinar até que ponto a representação pictórica da paisagem na tradição chinesa pode ser vista como uma via de acesso privilegiada ao regime ontológico analogista, ao mesmo tempo em que irá expor os principais limites deste referencial teórico. Desta forma, pretendo contribuir para os mais recentes debates ontológicos em torno da cultura chinesa e apontar para novas formas de conceber as relações entre humanos e não-humanos e entre a sociedade e o meio ambiente.

Palavras-chave: Shanshui; Antropologia da natureza; Paisagem

E-mail do/a autor/a correspondente: [ernst.s.loreto@gmail.com](mailto:ernst.s.loreto@gmail.com)

### **Influências das religiões na conservação de primatas não humanos em uma comunidade rural do Amazonas, Brasil**

Luciane Lopes de Souza, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil  
Catarina Casanova, ISCSP-UL, CIAS-UC, Portugal

Resumo: Estudos de etnoprimatologia sobre as comunidades tradicionais ribeirinhas do Amazonas são escassos, especialmente quando se investiga especificamente o papel da religião ou espiritualidade e de como esta pode influenciar as visões das comunidades sobre a natureza, especificamente as visões sobre os primatas não humanos. Este estudo foi realizado na comunidade de São Sebastião. A coleta de dados foi realizada em 2024, através de amostra não probabilística (n=20) sendo que em termos religiosos 60% dos inquiridos se reviam como católicos e 40% como evangélicos. Em todos os questionários face-a-face não foi mencionada nunca qualquer relação



CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

espiritual com a natureza ao contrário do que diz a bibliografia. Assim, a nossa hipótese de alguma ligação espiritual entre esta comunidade ribeirinha e a natureza não se verificou apesar de 95% dos inquiridos já terem tido contacto com a natureza. Não obstante, 75% revelou não conhecer a região com maior diversidade de macacos do planeta embora 80% saibam enumerar espécies ameaçadas de extinção. Este estudo piloto não deixa claro que a variável da religião ou espiritualidade seja determinante para esta comunidade ribeirinha. Contudo, o estudo mostra uma correlação estatística significativa entre as variáveis “escolaridade” e a “vontade de contribuir para a conservação”. Outras correlações serão apresentadas.

Palavras-chave: Etnoprimatologia; Coexistência; Conservação

E-mail do/a autor/a correspondente: [llopes@uea.edu.br](mailto:llopes@uea.edu.br)

### **Aprender a ser árvore e iludir a morte: religião, tradição e ambiente no Sul de Moçambique**

Clayton Guerreiro, Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Resumo: As alterações ambientais em curso têm produzido efeitos catastróficos para o mundo que, nós, os humanos, compartilhamos com outros viventes, como plantas, solo e animais, entre outros. Em Moçambique, a intensificação de fenômenos climáticos extremos – como aumento da temperatura média, longos períodos de seca e recorrência de ciclones tropicais – tem ensejado explicações científicas e debates políticos sobre as formas de mitigar seus efeitos. Conforme observei durante pesquisa etnográfica no Sul do país africano, as religiões e os religiosos também buscam se posicionar diante desses eventos catastróficos. Os fiéis pentecostais que conheci alternam entre ações de ajuda emergencial e explicações que remetem a uma pedagogia punitivista, apocalíptica e intolerante. Há, nesse sentido, uma frontal divergência com interpretações de caráter “tradicional” de alguns de meus interlocutores, cujo elogio da incompletude supõe equilíbrio entre humanos e outros-que-humanos, sem excluir os espíritos dos antepassados que compõem o mundo. Se, naquela, os desastres são interpretados como punição divina por causa das relações persistentes de muitos moçambicanos do Sul com seus antepassados, nesta é justamente a negação em compartilhar o mundo com outros seres, desrespeitando o caráter relacional da vida, que resulta em tragédias contemporâneas.

Palavras-chave: Religião; Tradição; Moçambique

E-mail do/a autor/a correspondente: [clayton.guerreiro@yahoo.com.br](mailto:clayton.guerreiro@yahoo.com.br)

### **Pastoralism and Pentecostalism: religious dimensions of changing land tenure/use dynamics in southern Kenya**

Joana Roque de Pinho, CEI-Iscte-IUL, Portugal

Stanley ole Neboo, Talek, Quênia

Richard ole Supeet, Loitokitok, Quênia

Angela Kronenburg García, U. Catholique de Louvain, Bélgica

Resumo: Bialecki et al. (2008) once questioned anthropologists’ reluctant engagement with Christianity. Recently, Wilkins (2021) pondered the absence of religious actors in political ecological inquiry. We address these concerns by tackling another omission, i.e., how scholarship on livelihoods and environmental change among Kenyan (agro) pastoralists overlooks their recent, rapid conversion to Pentecostalism. Despite other disciplines’ acknowledgement of spiritual dimensions in human-environmental relationships, and accounts of early Maasai encounters with mainline Protestant and Catholic missionaries (Hodgson, 2005; Rigby, 1981), contemporary analyses of Maasai livelihoods and environments sidestep Pentecostalism as a variable in changing



livelihoods/land uses, responses to climatic instability, conservation outcomes and relationships to the land (e.g., Homewood et al., 2009; but see Roque de Pinho et al.; 2014, Baird, 2015) – even when confronted with conspicuous faith-related manifestations, such as proliferating Kenyan and transnational churches and lively public religious performances. We analyze long-term ethnographic data (2002-23) from two southern Kenyan conservation landscapes and examine entanglements of Pentecostalism with land use/tenure changes and climate change in former commons. We find that Christian beliefs, church leaders’ discourses and behaviors, and Bible-inspired household dynamics re-shape how (agro-) pastoralists relate to the land, conceptually and materially. Around Amboseli National Park, churches’ promotion of farming interacts with conservation discourse to redefine the very meaning of “land”. Around Maasai Mara National Reserve, land demarcation and privatization has facilitated the penetration of churches through land purchases and donations. With declining reciprocity ascribed to land privatization and fencing, urbanization and education, churches are credited with re-creating “unity” and “respect” among community members. Meanwhile, pastors preach against land sales, arbitrate land conflicts, promote wildlife conservation and tree planting, and lead climate change mitigation efforts. Away from clear directions of causality, this study exposes the complexity of religious-environmental entanglements in Kenya Maasailand and suggests avenues for increased engagement between conservation studies, environmental conservation, and religion. We argue that both Pentecostal studies (in Kenya, focused on urban areas) and scholarship on Maasai pastoralism would benefit from paying attention to changing religious dynamics in Kenyan pastoral areas.

Palavras-chave: Maasai; Land privatization; Christianity

E-mail do/a autor/a correspondente: [myna2024@gmail.com](mailto:myna2024@gmail.com)

## **Painel: Ciência Engajada e Conflitos Ambientais I e II**

A proposta deste painel é reunir pesquisas e promover interlocuções na direção em que Ecologia e Política convergem, em pautas ambientais e investigação engajada, em contextos distintos e a partir de perspectivas diversas, mas que, ainda assim, apontam para conflitos (latentes ou manifestos) que estão em curso em espaços rurais e urbanos, florestas e áreas de conservação. Os participantes deste painel irão refletir sobre os impactos socioambientais avassaladores de forças políticas e económicas aliados a contestações que configuram forças em que sujeitos diversos – agricultores, movimentos climáticos, cidadãos e pesquisadores – encontram-se, com suas bagagens distintas e seus propósitos, frente a urgências que pressionam em favor de parcerias. Ao mesmo tempo, o painel irá discutir as barreiras e limitações de ordem epistemológica, política, geracional, social e institucional com as quais estes sujeitos se defrontam. Assim, a partir da antropologia, da história ambiental e da ecologia política, este painel propõe reunir trajetórias e experiências de pesquisa em contextos diversos, incluindo Portugal, Brasil e Guiné-Bissau, propondo diálogos sobre mundos que acabam, transitam e emergem e sobre engajamentos e relacionalidades frente a conflitos ambientais e emergências climáticas.

### **Mina de lítio em Cáceres: rumo a um desenvolvimento (in)sustentável?**

Olga Campos Pérez, Universidade de Coimbra, Portugal

Resumo: O desenvolvimento sustentável tornou-se uma das principais preocupações mundiais, nomeadamente na transição para as energias renováveis, que requer recursos minerais como o lítio, utilizado em baterias para dispositivos eletrónicos e veículos elétricos. Neste contexto, o projeto da mina de lítio em Cáceres (Espanha) gerou um intenso debate na cidade, que alberga o segundo



maior depósito de lítio da Europa. Promovido como uma oportunidade de desenvolvimento económico regional e um contributo estratégico para a transição energética, suscitou também preocupações quanto aos impactos negativos na *Sierra de la Mosca* e na qualidade de vida dos habitantes. Em resposta, surgiu a plataforma cidadã *Salvemos la Montaña de Cáceres*. O objetivo deste trabalho é analisar a interação entre o desenvolvimento económico, a exploração de recursos naturais, a sustentabilidade ambiental e a mobilização social; tomando como caso de estudo o projeto da mina em Cáceres e a resposta cidadã. Para efetuar esta análise, foram utilizados relatórios técnicos de viabilidade da mina, testemunhos dos membros da plataforma e jornais locais para concretizar a cronologia dos factos. Os resultados deste trabalho mostraram que, embora o projeto fosse apresentado como uma solução para a transição energética, os potenciais impactos sobre o ambiente e as comunidades locais são preocupantes. A falta de uma abordagem abrangente do projeto, bem como a escassa atenção às demandas de sustentabilidade e justiça social, alimentaram a oposição local. Assim, os testemunhos da plataforma mostram o papel crucial dos movimentos sociais como atores fundamentais na defesa dos direitos da comunidade e da preservação ambiental.

Palavras-chave: Transição energética; Desenvolvimento sustentável; Mobilização social

E-mail do/a autor/a correspondente: [olgacampos184@gmail.com](mailto:olgacampos184@gmail.com)

## O “*carbon-washing*” da mobilidade sustentável: a experiência do Metro Mondego em Coimbra, Portugal

Gustavo García-López, ECOSOC-CES-UC, Portugal

Adelino Gonçalves, Centro de Estudos de Arquitetura – do Território ao Design, Universidade de Coimbra, Portugal

Afonso Nuno Martins, Dep. de Engenharia Civil e Arquitetura, Universidade da Beira Interior (UBI), Portugal

Miguel Dias, ClimAção Centro, Portugal

Resumo: As cidades são cada vez mais vistas como centros cruciais para o avanço da sustentabilidade e da ação climática. Como o transporte é um dos contribuintes mais significativos para as emissões de gases de efeito estufa, a expansão e eletrificação do transporte público surgiu como um foco político central. No entanto, estudos críticos destacam que as medidas de “transporte sustentável” geralmente enfatizam soluções tecnológicas, reduções de emissões e crescimento económico, ao mesmo tempo em que falham em confrontar significativamente a dependência do carro e a crise de mobilidade mais ampla. Além disso, essas intervenções de marca “verde” frequentemente exacerbam as injustiças sociais. Neste artigo, argumentamos que os governos municipais costumam usar a retórica da mobilidade sustentável e da ecologização urbana como “*greenwashing*” e “*carbon-washing*” — estratégias para legitimar projetos, garantir financiamento e ocultar resultados sociais e ambientais contraditórios. Testamos esse argumento com um estudo de caso do sistema elétrico de Trânsito Rápido de Ônibus (BRT) do Metro Mondego em Coimbra, Portugal. Embora promovido como uma iniciativa de mobilidade sustentável com o objetivo de reduzir emissões e tornar a cidade “mais verde” e “mais coesa”, documentamos como esse projeto priorizou a execução rápida, projetos “lineares” e preservação da infraestrutura de carros particulares. Essas prioridades ocorreram às custas do envolvimento dos cidadãos e do desenvolvimento de estratégias eficazes para reduzir os impactos ambientais do projeto e dos padrões de mobilidade mais amplos da cidade. Focamos no impacto do projeto em aproximadamente 700 árvores maduras e vários espaços verdes, que os desenvolvedores transformaram em estacionamento, estradas e praças cheias de cimento. Também destacamos a falta de uma estratégia de informação para incentivar as mudanças comportamentais necessárias



CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

para o sucesso do sistema e os planos simultâneos de construir uma nova rodovia na cidade, possivelmente impactando uma área protegida nacional. O artigo se baseia em nossa participação acadêmica-ativista em movimentos locais que se opõem ao corte de árvores e defendem espaços públicos de alta qualidade nas linhas de circulação do BRT. Ao analisar a lacuna entre o discurso oficial de mobilidade sustentável adotado pelas entidades públicas envolvidas e a realidade da implementação do projeto, expomos a fragilidade, a incoerência e as táticas de carbon-washing do projeto.

Palavras-chave: *Greenwashing*; Sustentabilidade urbana; Transição verde

E-mail do/a autor/a correspondente: [gustavo.garcia@ces.uc.pt](mailto:gustavo.garcia@ces.uc.pt)

### **Waterscapes of Condeixa: bridging heritage and environmental resilience**

Kapsali Kali, Universidade de Coimbra, Portugal

Resumo: This paper explores the intersection of ecological dynamics and heritage management, focusing on Condeixa, Portugal, where the preservation of heritage is intrinsically linked to environmental concerns, particularly water. Situated on a karstic massif, Condeixa's historical development reflects its geomorphology and water abundance, with landscape transformations tied to evolving water management practices. Condeixa's waterscape is not just a natural resource, it is the genius loci, or spirit, of this place. Water systems here, ranging from Roman aqueducts to Moorish irrigation canals, tell stories of past societies' relationship with the environment. These water systems, integral to Condeixa's heritage, face risks of neglect, while the area faces environmental degradation. Climate change exacerbates flooding and wildfire risks, threatening both cultural and natural landscapes. Through archaeological, architectural and landscape approaches, this research reflects on the interdependence between cultural and natural heritage, while it navigates how Condeixa's heritage interpretation and enhancement can not only create public awareness of water's value, but also they can contribute to the mitigation of climate emergencies related to water. Social and cultural practices that stem from the waterscape can uncover qualities that serve contemporary needs, in the face of a society in need of transition.

Palavras-chave: Waterscape; Cultural heritage; Preservation

E-mail do/a autor/a correspondente: [kalikapsali@gmail.com](mailto:kalikapsali@gmail.com)

### **Educação inclusiva: um olhar para dois espaços não formais da cidade de Manaus/AM**

Antônio Marcos Chaves de Aquino, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

Elisa Gomes de Lima, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

Hiléia Monteiro Maciel Cabral, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

Resumo: A educação inclusiva tem apresentado crescente relevância no campo do Ensino de Ciências. Porém, nos ambientes educativos não institucionalizados a inclusão ainda precisa de mais estudos. Apesar de ser reconhecido que estes espaços cumprem seu propósito na promoção da Ciência, sabe-se também que acompanham timidamente a demanda por atendimento às necessidades das pessoas com deficiência (PCD). Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi analisar o Ensino de Ciências em dois espaços não formais da cidade de Manaus (Brasil) e sua relação com o processo de inclusão de PCDs. O trabalho se desenvolveu no Bosque da Ciência e o Museu da Amazônia (MUSA). De natureza qualitativa, a pesquisa utilizou como instrumentos formulários de entrevista semiestruturada, formulários de observação e registros em caderno de campo. Os sujeitos foram gestores, técnicos e visitantes PCDs. Gestores e técnicos indicaram que existem iniciativas que promovem o Ensino de Ciências aos PCDs, principalmente na forma de



CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

audiodescrições e acessos dos cadeirantes às trilhas florestais adaptadas e exposições. A perspectiva dos visitantes PCDs aponta que os mesmos não possuem acesso aos espaços em sua totalidade, seja por questão de acessibilidade ou falta de recursos que os permitam explorar as exposições, o que indica a necessidade de melhorias. Por fim, destacamos que este contexto pode ser um limitador para o processo de ensino-aprendizagem e consequentemente para fomentar as discussões sobre os conflitos ambientais no contexto do Ensino de Ciências e assegurar a efetiva participação de PCDs no processo de tomada de decisões na sociedade.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Espaços não formais; Ensino de ciências

E-mail do/a autor/a correspondente: [amcda.mca23@uea.edu.br](mailto:amcda.mca23@uea.edu.br)

### **Sobre riscos e incertezas: antropologia, primatas e primatologia**

Eliane Sebeika Rapchan, ECOSOC-CES-UC, Portugal; Universidade Estadual do Maringá (UEM), Brasil

Fagner Carniel, UEM, Brasil

Resumo: O paper parte de análise dos estudos sobre primatas e sobre a primatologia na antropologia brasileira, onde destacam-se a diversidade empírica e os desafios teórico-metodológicos. Primatas habitam regiões equatoriais e tropicais ameaçadas pela crise ambiental global, inclusive o Brasil. O objetivo é retomar essa literatura para indagar: o que os encontros com a primatologia e com os próprios primatas podem ensinar sobre a arte de correr riscos na antropologia? Em outras palavras, tais aproximações podem afetar os modos de pensar e fazer teoria e etnografia? A hipótese baseia-se no fazer etnográfico, gestado por esses estudos, em diálogo com a tradição socioantropológica clássica que também problematizou as relações natureza e cultura. Destacam-se as relações que tendem a ser cada vez mais ativadas em situações de risco (ambiental, ético, epistêmico ou político), ou seja, nos casos em que antropólogos e primatólogos compartilham um mesmo e urgente problema de pesquisa. Além disso, essas configurações colocam desafios frente aos limites e emaranhados entre o fazer pesquisa antropológica sobre encontros multiespécie e/ou fazer antropologia da ciência. Sem esgotar o debate, argumentamos que, mesmo diante das incertezas e controvérsias inerentes aos diálogos multidisciplinares, a prática antropológica só permanecerá “humana” se conseguir manter-se inclusiva.

Palavras-chave: Epistemologias socioambientais; Relações interespécies; Narrativas antropológicas

E-mail do/a autor/a correspondente: [esrapchan@gmail.com](mailto:esrapchan@gmail.com)

### **A comunidade multiespécie de Suruí: redefinição dos eus em terras precárias**

Sarika Strobbe, Università degli Studi di Torino, Itália

Resumo: O objetivo da minha pesquisa foi observar como uma comunidade de catadores de caranguejo, situada na Baía de Guanabara (RJ), reivindica sua tradição em um território historicamente poluído e afetado pela indústria petroquímica. Incapazes de obter o reconhecimento como RESEX devido à influência da indústria, as únicas oportunidades de visibilidade para os catadores surgem nos projetos de limpeza do manguezal, um ecossistema que tem ganhado atenção pelo seu papel no enfrentamento da emergência climática. Dentro do manguezal, os catadores adotaram novas práticas: a coleta tradicional à mão tornou-se impossível e foi substituída pelo uso de redes, gerando novos tipos de relações dentro desse ecossistema. A distância criada pela poluição enfraquece o vínculo interespécie que caracterizava a cultura dos catadores, mas, ao mesmo tempo, esse vínculo é renovado, permanecendo central na definição de sua identidade. O



CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

vínculo com o ambiente continua sendo reivindicado como um elemento fundamental, não apenas para a prática diária, mas também nos projetos de gestão e limpeza do manguezal, nos quais os órgãos ambientais dominam.

As narrativas e sentimentos coletados durante minha pesquisa de campo indicam assim uma tradição que se mantém nas relações com entidades não humanas, com as quais os catadores compartilham o seu devenir. Esse vínculo luta para ser reconhecido, mesmo dentro dos projetos nos quais prevalecem os interesses e a visão de organizações públicas e ambientais, que continuam a perpetuar os processos de violência lenta aos quais os catadores da Baía têm sido historicamente submetidos.

Palavras-chave: Violência lenta; Relações interespecíes; Tradição

E-mail do/a autor/a correspondente: [sari.strobbe@gmail.com](mailto:sari.strobbe@gmail.com)

### **Mitos sobre o desastre e as redes de conhecimento camponesas nos contextos orizícolas no sul da Guiné-Bissau**

Joana Sousa, ECOSOC-CES-UC, Portugal

Ana Luísa Luz, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Ansumane Braima Dabó, Cabasane Biteraune, Guiné-Bissau

Resumo: Programas de conservação da natureza e de mitigação das alterações climáticas têm representado as práticas agrícolas camponesas na Guiné-Bissau como ameaças à biodiversidade e ao futuro do planeta. A agricultura itinerante foi primeiro diabolizada, depois as plantações de caju e, desde mais recentemente, a atenção voltou-se à proibição e/ou limitações a impor à produção de arroz em mangal. Neste contexto, os programas de intervenção direcionados à conservação da natureza ou à resiliência climática continuam a ser desviados da gestão comunitária, apesar de serem estas comunidades as mais gravemente afetadas e as detentoras da experiência e conhecimento necessários para tomar decisões face às alterações climáticas. Com base num estudo de caso etnográfico de longo prazo no sul da Guiné-Bissau, apresenta-se um caso em que, em contraste com outros relatados na região, tem vindo a acontecer a reabilitação de arrozais danificados pela ofensiva colonial (1963-1974). Este artigo analisa o papel do trabalho coletivo, recíproco e contratual para a circulação de conhecimento entre aldeias com produção de arroz historicamente estável (refúgios do arroz) e aldeias onde a produção tem sido descontínua. Defende-se que os programas de segurança alimentar devem considerar estratégias de financiamento descentralizadas que podem facilitar a redistribuição de conhecimento e de trabalho. O reforço desta rede aumenta o potencial da região para a adaptação às alterações climáticas, especialmente se os refúgios de arroz, como repositórios regionais de conhecimento, participarem na recuperação da rizicultura em lugares de descontinuidade. Estas ligações permitem a experimentação camponesa e revitalizam as redes regionais de conhecimento orizícola e, portanto, a sua capacidade de enfrentar alterações climáticas. Isto requer, no entanto, a reconfiguração da forma como os agricultores são compreendidos pelas instituições estatais, não governamentais e internacionais.

Palavras-chave: Alterações climáticas; Arroz; Tecnologia

E-mail do/a autor/a correspondente: [joanasousa@ces.uc.pt](mailto:joanasousa@ces.uc.pt)

**“Uma casa feita para cair”**





Rodrigo Quintella Messina, Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil

Resumo: Um relato de algumas ações e relações que podem surgir com, a partir e diante das alianças entre os guarani mbya da montanha do Jaraguá em São Paulo e os Juruá (não-indígenas), bem como daquelas entre a ciência da arquitetura e a da antropologia. Enquanto arquiteto projetista, procuro especular saídas práticas e teóricas para os constrangimentos postos pelo Antropoceno. Diante desse impasse, a pesquisa se engaja propondo maneiras de aprender e desaprender com o morro do Jaraguá e os povos guarani mbya, perguntando quais são as novas possibilidades para a ciência da arquitetura e o que ela pode vir a ser ao compor alianças com outros modos de compor mundos. Como exemplo, apresenta-se uma “Uma casa feita para cair”, dos guarani mbya da aldeia yvy porã no Jaraguá, em que é necessária a constante renovação da sua arquitetura. Junto com essa renovação, deveria vir a prática de ensino para as gerações por vir sobre o cuidado para com a casa de reza, bem como as tradições guarani mbya. Assim, para os guarani mbya, dar manutenção à casa é dar manutenção à cultura, ao corpo, ao espírito. Fazer casa é fazer gente. Diferente de como aprendi, a casa, como coisa “viva”, vai junto com os guarani mbya, o que está em questão é um princípio de correspondência entre coisas e pessoas, um modo de relação e ação, portanto, bastante distinto daquele de minha formação. Se fazer casa é fazer gente, que tipo de gente queremos fazer ao fazer nossas casas?

Palavras-chave: Aliança; Antropoceno; Arquitetura

E-mail do/a autor/a correspondente: [roqmessina@gmail.com](mailto:roqmessina@gmail.com)

## **Painel: Desastres Ambientais e Climáticos I e II**

A noção do Antropoceno refere-se a uma nova era geológica marcada por crescentes disrupções ambientais e climáticas de origem antropogénica. Esta noção extravasou das ciências geofísicas para as humanidades, ciências sociais, artes e media, desencadeando um vasto debate sobre os efeitos destrutivos da ordem económica mundial em sistemas ecológicos locais, regionais e planetários. No Capitaloceno, termo alternativo cunhado por Jason W. Moore para descrever a atual era de colapso climático e ambiental, a Natureza foi reduzida a um mero recurso económico, e esta redução abriu caminho para um modelo extrativista e crescentista de desenvolvimento com consequências ambientais e climáticas devastadoras. Estes múltiplos desastres ambientais e climáticos, como notam Anthony Oliver-Smith e Susanna Hoffman, longe de serem fenómenos naturais, resultam de uma “cultura de desastres” específica, que deve ser compreendida como um processo social e político complexo, no qual fatores como desigualdade, governança e recursos disponíveis amplificam ou mitigam os seus impactos. Este painel propõe uma reflexão coletiva sobre o papel da antropologia em discussões globais sobre desastres ambientais e climáticos no Capitaloceno, mostrando que os impactos destes desastres são, em grande medida, uma consequência de processos sociais e políticos de desigualdade estrutural.

### **O enfrentamento das comunidades tradicionais do Nordeste Brasileiro aos impactos da cultura de desastres no Capitaloceno**

André Valécio, CIAS-UC, Portugal

Resumo: Os sistemas ecológicos, nas últimas décadas, têm enfrentado intensas transformações técnico-científicas ocasionadas pelo capitaloceno, cujos efeitos vêm aumentando o desequilíbrio dos ecossistemas e impactando o modo de vida das comunidades tradicionais que vivem



CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

harmoniosamente junto à Natureza. Esse comportamento é fundamentado no paradigma dual presente nas estruturas da sociedade contemporânea, na relação objeto-sujeito, que tem como princípio a dominação e o controle. Esse paradigma é materializado pelo discurso que relativiza o direito e a proteção dos ecossistemas para atender às necessidades insaciáveis do progresso, tornando-se ferramentas centrais para a realização da cultura dos desastres. Extrapolando a concepção dos desastres reduzidos aos eventos naturais, eles também são de ordem social e técnica, culminando em um entrelaçamento entre suas três formas. Diante desse cenário, o presente estudo, baseado em uma imersão etnográfica realizada entre 2020 e 2023 nas comunidades tradicionais do nordeste brasileiro, reflete sobre como esses povos têm enfrentado os diversos impactos socioambientais ocasionados pelos megaprojetos de desenvolvimento econômico. Uma das soluções encontradas pelas comunidades tradicionais é promover, na sociedade hodierna, o entendimento da Natureza como um ser vivo portador de direitos, utilizando ferramentas legais, como a personalidade jurídica, para que o Estado reconheça a necessidade de proteção dos ecossistemas.

Palavras-chave: Etnologia; Povos indígenas; Direitos humanos

E-mail do/a autor/a correspondente: [andrevalocio1@gmail.com](mailto:andrevalocio1@gmail.com)

### **Desastre ambiental e mineração do ouro na Amazônia Equatoriana: ecofeminismo e as lutas das mulheres indígenas face ao extrativismo capitalista**

Mishel Almeida Saá, Universidade de Coimbra, Portugal

Gonçalo D. Santos, CIAS-UC, Portugal

Resumo: Até que ponto a busca incessante pelo ouro pode justificar a destruição de florestas tropicais e das comunidades indígenas que nelas habitam? Esta pergunta ganha uma urgência ainda maior no contexto da crise climática e ambiental que estamos vivendo, no que muitos chamam de Capitaloceno, um período marcado pela exploração desenfreada e suas consequências devastadoras. Este trabalho documenta os efeitos desastrosos da mineração de ouro na Amazônia Equatoriana, com um olhar especial para as comunidades indígenas ribeirinhas do rio Napo. Nos últimos anos, a mineração de ouro tem vindo a crescer de forma acelerada nesta região, impulsionada por políticas públicas que, desde 2014, incentivam o extrativismo mineiro como estratégia de diversificação da economia. Já existem alguns estudos dos efeitos sociais e ambientais do extrativismo mineiro na Amazônia Equatoriana, mas existem ainda poucos estudos a debruçar-se sobre a interseção entre mineração, crise ambiental e climática, e o papel fundamental das mulheres indígenas, que, com os seus saberes ancestrais, estão a resistir à destruição e a procurar alternativas para proteger as suas terras e a biodiversidade. Este trabalho procura preencher esta lacuna, propondo uma abordagem etnográfica às lutas das mulheres indígenas na região do rio Napo contra o extrativismo mineiro. Ao dar visibilidade ao papel das lideranças femininas indígenas, pretende-se contribuir para discussões recentes em redor da noção de ecofeminismo e sua relevância no contexto Amazónico, mostrando o papel de comunidades indígenas na construção de modelos alternativos mais sustentáveis baseados em cosmovisões não-extrativistas e ontologias não dualistas.

Palavras-chave: Capitalismo extrativista; Mulheres indígenas; Ecofeminismo

E-mail do/a autor/a correspondente: [samara\\_al609@hotmail.com](mailto:samara_al609@hotmail.com)



## **Extrativismo e resistências, imaginários e memória: estudo de caso de um desastre anunciado**

Luís Vale, CIAS-UC, Portugal

Daniel Vale, CEAU-FAUP, Universidade do Porto, Portugal

Ricardo Vale, CEGOT-FLUP, Universidade do Porto, Portugal

Resumo: Os territórios rurais têm vindo a ser procurados, cobiçados e assediados por diferentes interesses económicos que, numa lógica meramente extractivista, investem o necessário para atingir os seus propósitos. Focando a nossa atenção nas últimas décadas do nordeste do país, assistimos a várias situações que testemunham esta actividade desenfreada sobre os territórios rurais: a salvaguarda das figuras rupestres em Foz Côa, os parques eólicos, as mini-hídricas nos rios Sabor, Tua e Tâmega, prospecções para mineração. Em todas estas situações assistimos a movimentos e acções de resistências, a maior parte delas inorgânicas, mas também populares, associativas e cívicas que, servindo-se dos meios à sua disposição e com resultados variados, contestam e combatem a avidez extractivista. As motivações para essa contestação e resistência foram diferenciadas, desde a consciência dos riscos inerentes a tais projectos e actividades para os seus territórios, os seus ecossistemas e sua biodiversidade, até à percepção da possível e iminente perda dos seus patrimónios. As razões que mobilizam os indivíduos e comunidades, remetem-nos para a importância da memória social e dos seus imaginários. O pedido de prospecção mineira apresentado recentemente para duas zonas dos concelhos de Vinhais e Bragança, e as subsequentes reacções ao projecto, são o objecto deste artigo, por se considerarem paradigmáticas da confluência de todos estes interesses divergentes.

Palavras-chave: Extractivismo; Resistências; Desastre

E-mail do/a autor/a correspondente: Luís Vale, [valedovale@gmail.com](mailto:valedovale@gmail.com)

## **Incêndios florestais como reflexo das transformações no mundo rural**

Maria Justino, ISCSP-UL, Portugal

Raquel Cunha, ISCSP-UL, Portugal

Resumo: Portugal caracteriza-se por ser um dos países europeus com a maior área florestal, ocupando mais de um terço do território português. No entanto, encontra-se também entre os países com maior quantidade de hectares queimados anualmente devido a incêndios florestais. Tal realidade não é somente uma reflexão das alterações climáticas, na medida em que é unicamente explicável pelo aumento da temperatura média e pela conseqüente intensificação das secas, mas evidencia que as transformações que o mundo rural tem enfrentado nas últimas décadas são igualmente propulsoras destes desastres. Numa abordagem antropológica do ambiente, com o apoio de pesquisa online e a realização de uma entrevista, este trabalho procura analisar a interação entre as populações rurais e os incêndios florestais em Portugal, especificamente como as transformações socioeconómicas e culturais que o mundo rural tem enfrentado nas últimas décadas contribuíram para o aumento dos incêndios e, mostrando que impactos tal teve. Mais especificamente como são afetadas pelas transformações que o mundo rural passa atualmente a nível das dinâmicas socioculturais e económicas. O êxodo rural e envelhecimento da população, o declínio da gestão florestal tradicional, o aumento das monoculturas, a diminuição do interesse numa exploração sustentável das terras e as variadas políticas públicas do Estado em torno da agricultura revelam-se entre as principais características que influenciam o aumento dos incêndios nas áreas florestais. Este trabalho pretende contribuir para uma compreensão mais profunda da origem e impactos dos incêndios florestais na paisagem rural a nível cultural, social e económico em Portugal.



CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Palavras-chave: Incêndios florestais; Mundo rural; Ambiente

E-mail do/a autor/a correspondente: [maria.vilaverdejustino@gmail.com](mailto:maria.vilaverdejustino@gmail.com)

### **Zero Waste no Capitaloceno: potenciais e limites de um movimento contra a lógica extrativista**

Livia Humaire Kampff, CIAS-UC, Portugal

Resumo: O Movimento Zero Waste (MZW) emerge como uma resposta às disrupções ambientais e climáticas provocadas pela lógica extrativista e crescimentista que caracteriza o Capitaloceno. Este trabalho discorre sobre a investigação de como o MZW, apoiado em práticas de “baixo consumo”, redução de resíduos e inovação sociotécnica, desafia o regime dominante do binômio Consumo-Descarte. Baseada em uma abordagem etnográfica e na Teoria das Transições para a Sustentabilidade, analiso os potenciais e limites do Movimento como catalisador de transformações estruturais, por meio de entrevistas com 17 empreendedores e ativistas em diferentes contextos como Brasil, Portugal, Moçambique, Cabo Verde e Londres. Além disso, foi conduzida uma análise de dados quantitativos com 304 respondentes sobre os impactos do MZW na indústria e em políticas públicas. Como resultado, discuto como o MZW confronta a “cultura do descarte” ao criar alternativas locais contra os sistemas globais insustentáveis. Contudo, também reflito sobre os desafios do movimento em face de dinâmicas como o capitalismo verde e a pandemia de COVID-19, que intensificaram a precarização e o fechamento de milhares de negócios ligados ao movimento, enfraquecendo essas alternativas locais e a força popular do MZW. Este trabalho contribui para o debate sobre o papel da Antropologia no Capitaloceno, ao colocar em relevo como as práticas locais e movimentos sociais resistem à lógica hegemônica de Consumo e Descartes de massa, e tentam propor e criar futuros em direções mais ecológicas, frente à crise ambiental.

Palavras-chave: Movimento Zero Waste; Transições para a sustentabilidade; Capitaloceno

E-mail do/a autor/a correspondente: [liv.kampff@gmail.com](mailto:liv.kampff@gmail.com)

### **Poéticas dos vínculos e a potência reflexiva nas Amazônias**

Silvia Marques, Universidade Federal do Amapá, Brasil

Resumo: Esta comunicação se propõe pensar trocas de aprendizados sobre o meio ambiente considerando ações artísticas e a evocação de sentidos com o evento MIZURA na Amazônia Amapaense. Evento provocativo que intenta tensionar reflexões e pautas ambientais na COP 30 que ocorrerá em 2025 nas Amazônias. No ano de 2024 a quarta edição de MIZURA na cidade de Macapá/AP, com o tema Terra, nos instigou para o engajamento, alinhando a experiência ontológica com o patrimônio biocultural dos povos amazônidas. Princípios conviviais com as comunidades emocionais e suas poéticas dos vínculos. Dispositivo em complementaridades, reciprocidades e interdependências da memória cultural que nutrem outras lógicas de existência reflexiva em cenas, paisagens e sensações com a vivida. Assim, observação e sentimentos de pertencimento se encontram nas ações de artistas e não artistas quando se encontram na urbe. Encontros para além das demandas do sistema da arte ocidental, tais como, galeristas e curadores nem tampouco com aparato estatal. Por isso sua potência de reflexão. É ato vivo, participativo e embora o ato comunicativo seja da ação performática, produção de imagens, vídeos e intervenções a mobilização reflexiva, acolhe debates situados, estesias de ideias, sentidos e percepções existenciais. MIZURA anima desejos, envolvimento coletivo para sentirem e produzirem conexões, reflexão de um circuito com arte na Amazônia amapaense, vinculando-se aos aprendizados ritualizados que restituem a vida. Contrariando o nexu capitalista e mercadológico.



CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Cultiva reflexões outras, sensações e corporeidades, sobretudo promove a circularidade de produção de sensações, instigando senso de comunidade e conservação das singularidades extra-humanas e subjetividades humanas nas Amazônias.

Palavras-chave: Amazônia Amapaense; Circuito em poéticas dos vínculos; Performance; Mizura  
E-mail do/a autor/a correspondente: [Silviam@unifap.br](mailto:Silviam@unifap.br)

### **Entre sujeitos, documentos e possibilidades discursivas: a construção da categoria das mudanças climáticas a partir do discurso mobilizado pelas Nações Unidas do Brasil e a Clima Info**

Juliana Maria Teixeira da Conceição, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil  
Felipe Vargas, PGDR-UFRGS, UFBA, Brasil

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo analisar como a categoria “Mudanças climáticas” é construída a partir dos tipos de enquadramentos atribuídos oriundos dos discursos presentes nos documentos institucionais de dois sujeitos mobilizadores, nesse caso, as Nações Unidas do Brasil e a Clima Info. Os alusivos documentos estão disponibilizados em suas respectivas plataformas de internet, entendendo-as como de sua autoria e capaz de revelar seu posicionamento no que tange a arena do conhecimento da temática da crise climática em construção. Assim, configura-se como objetivo central buscar compreender esses enquadramentos, no âmbito discursivo diverso, nomeando-se de possibilidades discursivas, em relação a categoria de mudanças climáticas a partir de entidades específicas como agentes de construção opinião pública e caráter informativo da temática ambiental. Nesse caso, os procedimentos metodológicos foram divididos em duas etapas. A primeira, de ordem qualitativa, refere-se à coleta dos dados na qual foram seguidos as etapas: 1) Coleta dos documentos num lapso temporal de (2014-2024); 2) Tabulação dos conteúdos de teor textual dos documentos; 3) Tabulação com a criação de códigos alfa-númericos crescentes para localização própria de cada documento. A segunda etapa, também de caráter qualitativo, constituiu-se na análise desses documentos apoiados pela operacionalização das categorias da análise do discurso. A escolha por esse tipo de análise se deu pela possibilidade de conseguir enxergar, numa perspectiva construtivista, as hierarquias, agentes e estruturas situados ou não discursivamente de modo particular. Como resultados apriorísticos foram apontados discursos imbuídos de teor de “desenvolvimento messiânico”, como necessário, ideias de “supremacia desenvolvimentista” “desenvolver” “crescer” constituíram-se como facetas discursivas.

Palavras-chave: Mudanças climáticas; Discurso; Documento

E-mail do/a autor/a correspondente: [majualexandre20@gmail.com](mailto:majualexandre20@gmail.com), [vargas.felipe@ufba.br](mailto:vargas.felipe@ufba.br)

### **Painel: Ambiente e Saúde Pública**

O vínculo entre a antropologia ambiental e a saúde pública é crucial para entender e lidar com a complexa ligação entre sociedades humanas e o meio ambiente. Em tempos de desafios e incertezas ambientais crescentes, é imperativo que a antropologia ambiental e a saúde pública trabalhem em conjunto para proteger o bem-estar das gerações presentes e futuras. Essa colaboração vai ao encontro do conceito de “Uma Só Saúde” (One Health) e é fundamental para fazer face a questões cada vez mais prementes de saúde ambiental, como as mudanças climáticas, a perda de biodiversidade e as desigualdades no acesso a um ambiente saudável. Ao analisar a interação entre pessoas, plantas, animais e os seus ambientes partilhados, a perspectiva dos antropólogos pode



proporcionar contribuições significativas que promovam mais equidade, sustentabilidade e melhores políticas de saúde pública.

### **Da sala de aula à comunidade: o papel da educação ambiental no desenvolvimento sustentável do Amazonas**

Silvia Regina Sampaio Freitas, Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Brasil

Luciane Lopes de Souza, UEA, Brasil

Resumo: O meio ambiente é um tema transversal de grande importância para toda a sociedade amazonense, e deve ser tratado no ambiente escolar de forma interdisciplinar e contínua. Este estudo foi realizado por professores do programa Parfor da Universidade do Estado do Amazonas, e foi realizado no segundo semestre de 2023, com o objetivo de envolver os professores nas questões ambientais e na avaliação dos seus impactos. As atividades foram desenvolvidas em dez municípios amazonenses: Atalaia do Norte, Presidente Figueiredo, Maraã, Maués, Nova Olinda do Norte, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença e São Sebastião do Uatumã, Tefé e Urucará. Através do método qualitativo cada professor realizou um diagnóstico junto das Secretarias do Meio Ambiente e de Educação afim de levantar informações sobre a situação do descarte dos resíduos sólidos do seu município, além de buscar a existência da implementação da Educação Ambiental (EA) nas escolas. Os resultados das entrevistas indicam que a maioria (90%) dos municípios possuem lixões a céu aberto, nos quais os resíduos domiciliares e hospitalares são descartados da mesma maneira, somente em Maraã existe um aterro controlado. Em quase todos ocorre a prática da separação dos materiais recicláveis, tais como papelão e ferro. A logística reversa é conduzida em Maraã e Urucará. As ações de EA são realizadas nas escolas de forma pontual. Com o desenvolvimento desse programa demonstra-se ser possível associar a EA e a saúde pública na busca de efetivas ações que sensibilizem a sociedade para a realização de práticas mais sustentáveis no Amazonas.

Palavras-chave: Educação ambiental; Saúde pública; Amazonas

E-mail do/a autor/a correspondente: [srfreitas@uea.edu.br](mailto:srfreitas@uea.edu.br)

### **Compreender os gatos errantes: implicações para a biodiversidade, saúde e comunidades humanas em Portugal**

Beatriz Fonseca, Instituto Superior de Agronomia, Portugal

Ana Sofia Rois, Universidade Lusófona, Portugal

Gonçalo Jesus, Universidade Lusófona e CIAS-UC, Portugal

Iris Dias, Universidade Lusófona, Portugal

Matilde Tavares, Universidade Lusófona, Portugal

Susana Dias, Instituto Superior de Agronomia, Portugal

Resumo: Os gatos domésticos errantes têm um impacto significativo na saúde pública e no ambiente em Portugal. Ecologicamente, ameaçam a biodiversidade ao predarem a fauna nativa, competindo com espécies nativas e potencialmente espalhando doenças para animais e humanos. Estas populações existem tanto em áreas urbanas como rurais, afetando comunidades que os cuidam ou os veem como ameaças. A saúde pública é uma preocupação central com os gatos errantes, pois podem transmitir doenças zoonóticas através de contacto direto ou de ambientes contaminados. Os esforços de gestão de colónias de gatos errantes em Portugal incluem programas de captura-esterilização-devolução (CED) e campanhas de sensibilização pública. Apesar dos resultados positivos, controlar o número de gatos errantes continua a ser um desafio, exigindo investigação contínua e soluções inovadoras para mitigar os riscos à saúde pública e ao ambiente.



CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

A participação da comunidade é crucial, pois os cuidadores podem, inadvertidamente, sustentar estas populações, aumentando os riscos de transmissão de doenças. No entanto, estes indivíduos podem ajudar nos programas CED, reduzindo assim os riscos para a saúde pública. Além disso, prestar cuidados a estes gatos pode beneficiar a saúde mental dos cuidadores, proporcionando satisfação e reduzindo a solidão. Este projeto visa estudar o impacto das colónias de gatos errantes em Portugal, através de uma abordagem multidisciplinar, com um foco especial nas implicações para a biodiversidade, saúde pública e saúde mental.

Palavras-chave: Saúde pública; Biodiversidade; Gatos errantes

E-mail do/a autor/a correspondente: [p6306@ulusofona.pt](mailto:p6306@ulusofona.pt)

### **Painel: Relações Internacionais e Ambiente**

Este painel reúne uma série de apresentações que procuram pensar como as relações internacionais podem enquadrar a temática ambiental no contexto do Antropoceno. Particular foco será dado à relação entre sociedades humanas e natureza, nomeadamente no que diz respeito ao papel do conceito de ‘multiespécies’ nesse contexto, e de como diferentes níveis de análise, do mais local ao global, podem ser integrados numa perspetiva mais ecológica das relações internacionais.

#### **A transformação da segurança para a política planetária**

Joana Castro Pereira, FLUP, Portugal

Inês Ferreira de Sousa, NOVA FCSH, Portugal

Resumo: Este artigo explora a segurança no Antropoceno, inspirando-se na investigação recente em Relações Internacionais e campos relacionados sobre interligação planetária, relacionalidade, justiça multiespécie e transformações de sustentabilidade. Embora o conceito de segurança tenha sido objecto de intenso debate e tenha evoluído significativamente nas últimas décadas, manteve-se amplamente enraizado numa visão da política centrada no ser humano e "modernista". Isto tem sido desafiado pelas complexas questões socioecológicas do nosso tempo. Com base em investigações aprofundadas sobre a região amazónica, introduzimos os conceitos de ‘corredor eco-sociocultural’ e ‘sociobioeconomia’. O primeiro diz respeito a uma área onde a conectividade é alimentada ou construída entre ecossistemas e paisagens, bem como entre pessoas. Este último representa um modelo de produção que prioriza a biodiversidade e a diversidade humana e o bem-estar das comunidades mais que humanas, centrado na utilização responsável e na restauração das florestas e dos rios. Ambos são construídos sobre a ideia de que a segurança está interligada, abrangendo uma variedade de entidades, espécies e formas de conhecimento, transcendendo assim a dicotomia "ou/ou" e unindo as dimensões "materiais" e "simbólicas" que coexistem nos ambientes florestais. Defendemos que estes conceitos podem ajudar a transformar as discussões e práticas de segurança para a política planetária, cultivando laços no meio da diversidade, entrelaçando-os entre divisões e, ao mesmo tempo, promovendo o cuidado de todas as espécies e a habitabilidade da Terra.

Palavras-chave: Antropoceno; Justiça multiespécies; Segurança; Política planetária

E-mail do/a autor/a correspondente: [jcpereira@letras.up.pt](mailto:jcpereira@letras.up.pt)

#### **Justiça num mundo (mais do que) humano? Agência e representação política de seres não-humanos em territórios fluviais**

Carlota Houart, Wageningen University & Research, Países Baixos



Resumo: Nesta sessão, Carlota Houart irá apresentar o artigo "Power and Politics across species boundaries: towards Multispecies Justice in Riverine Hydrosocial Territories", que introduz a sua investigação em justiça multiespécies no contexto de rios e territórios fluviais. A noção de "justiça multiespécies" propõe uma reinterpretação de conceitos estruturais à teoria e prática políticas (e.g., agência, voz, subjetividade...) de uma perspetiva não-antropocêntrica. Os autores deste artigo refletem criticamente sobre como o poder e a agência política se repartem entre seres humanos e não-humanos (especificamente, na constituição, transformação, e territorialização de rios e zonas ribeirinhas), embora os sujeitos não-humanos sejam raramente reconhecidos pelos sistemas políticos dominantes. Um diálogo com o conceito e agenda normativa de *justiça multiespécies* pode desafiar e fortalecer movimentos e iniciativas para a defesa de territórios socio-naturais e das suas diversas comunidades (humanas e não-humanas).

Palavras-chave: Justiça multiespécies; Perspetivas não-antropocêntricas; Rios e territórios fluviais  
E-mail do/a autor/a correspondente: [Carlova.silvahouart@wur.nl](mailto:Carlova.silvahouart@wur.nl)

### **Sense of justice and injustice in non-human animals: Examples from primatology**

Catarina Casanova, ISCSP-UL e CIAS-UC, Portugal

Resumo: This paper aims to discuss chimpanzee (*Pan troglodytes verus*) cases that involved moralistic aggression (see Trivers) in the face of breaking community rules and the feeling of injustice. I will also focus on other catarrhines such as macaques and in studies coming from platyrrhines. In many nonhuman primates, individuals are used as socio-political tools, as is the case with agonistic buffers where offspring are often used to stop aggression episodes. Based on some of my fieldwork (and that of other authors) I propose that the existence of rules in each primate species, expectations are created according to the social status of each individual (with specific rights and duties). When such expectation are not met, they give rise to a feeling of injustice. Since last century such behaviours have been described by primatologists and other ethologists but they were never considered by social sciences, probably due to the significant influence of the old ontological view of social sciences. Other nonhuman species have showed such features and I will see those considering the Cambridge Declaration on Consciousness (2012). Such studies may help us to find the origins of law.

Palavras-chave: Justiça em animais não-humanos; Primatologia; Etologia; Consciência  
E-mail do/a autor/a correspondente: [ccasanova@iscsp.ulisboa.pt](mailto:ccasanova@iscsp.ulisboa.pt)

### **Teorizando o Antropoceno: Nikolai Bukharin e a ontologia relacional entre natureza, sociedade e tecnologia**

André Saramago, FEUC e CIAS-UC, Portugal

Resumo: A crescente consciencialização do impacto humano no desenvolvimento e na sustentabilidade dos ecossistemas planetários tem levado a crescentes discussões, no contexto das ciências sociais em geral e das Relações Internacionais em particular, sobre a forma como a noção de "natureza" é conceptualizada condiciona as relações entre as sociedades humanas e as espécies e ecossistemas não humanos, tornando-os mais ou menos sustentáveis. Em particular, grande parte da literatura em Relações Internacionais enfatiza como concepções modernas, herdadas do Iluminismo, das relações humanos-natureza estabelecem uma forma de dualismo ontológico entre a humanidade e a natureza que é inerentemente antropocêntrica (i.e., atribui maior valor moral aos seres humanos e considera a natureza não humana apenas como pano de fundo das atividades





CIAS  
Anthropology & Health

cei\_iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais

UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

ces  
Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1 2 9 0  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

humanas), legitimando padrões de relacionamento excludentes e dominantes não só de espécies e ecossistemas não-humanos, mas também de grupos de seres humanos, como as mulheres ou as comunidades indígenas. Neste contexto, as abordagens inspiradas no Novo Materialismo, ou Teoria Ator-Rede, nas Relações Internacionais, procuram romper com o quadro antropocêntrico das modernas concepções de “natureza” e superar o dualismo ontológico e as relações de dominação e violência que lhes são inerentes. Estes esforços são louváveis, oportunos e necessários, uma vez que tanto os humanos como os não-humanos enfrentam um colapso ecológico antropogénico à escala global. No entanto, esta apresentação defende que estas abordagens partilham também duas características que podem comprometer os seus esforços para fornecer uma orientação teórica mais adequada para a compreensão da relação entre o humano e o não-humano. Em primeiro lugar, partilham uma tendência para reificar a modernidade e o Iluminismo e, em segundo lugar, é questionável até que ponto uma visão do mundo pós-humanista e pós-antropocêntrica é a chave para desenvolver relações ecológicas mais sustentáveis ou se isso é mesmo epistemologicamente possível. Como consequência, a apresentação defende que estas abordagens perdem a capacidade de exercer o juízo crítico sobre diferentes configurações de ecossistemas, o que é necessário para suportar as suas próprias ambições ecológicas. A apresentação defende então, com base na ontologia materialista-emergente de Nikolai Bukharin, uma concepção alternativa de “natureza”. Argumenta-se que esta concepção evita tanto o dualismo humano-natureza implícito nas concepções modernas da natureza como a forma como as tentativas de perspectivas pós-antropocêntricas desarmam a capacidade de julgamento crítico das mudanças ecológicas.

Palavras-chave: Antropoceno; Modernidade; Relações humano-natureza; Materialismo; Nikolai Bukharin

E-mail do/a autor/a correspondente: [asaramago@fe.uc.pt](mailto:asaramago@fe.uc.pt)